

OPAN

CEDI - P.I.B.
DATA 14/10/87
COD. #4000052



LINHAS DE AÇÃO

HISTÓRICO

A Operação Anchieta - OPAN surgiu de um encontro de jovens congregados marianos, do sul do país, em 1969, quando incentivados pelo Pe. Egidio Schwade, da Missão Anchieta (MT), dispuseram-se a um trabalho missionário. A atuação dos primeiros anos aconteceu dentro e a partir da Missão Tradicional (em particular, a Missão Anchieta e a Colônia Agrícola Sagarana), que se caracterizava pelo paternalismo e extrema interferência na vida dos índios: desestruturando as aldeias, construindo internatos, inculcando práticas cristãs, etc.. Pode-se dizer, de certa maneira, que no interior da Missão Tradicional a OPAN desenvolveu uma crítica a estas práticas e forjou um modo próprio de atuação. Pensava-se em devolver aos índios a responsabilidade e a confiança para sobreviver com meios próprios, rompendo sua dependência em relação ao mundo dos "brancos". Trabalhava-se em escolas, atendimento de saúde, agricultura, enfim, na "promoção humana do índio". O rompimento com as práticas missionárias "catequéticas" expressou-se também no abandono da estrutura física da Missão: a "desmontagem" de Utiariti, da qual participaram ativamente opanistas, é um símbolo forte daqueles tempos.

Certamente já guiavam estes primeiros passos as discussões recentes travadas no interior da Igreja Católica: o Concílio Vaticano II e a Conferência Episcopal Latino-americana de Medellín (Schwade, E, 1979: Panorama Sócio-Político e Religioso em que surgiu a Operação Anchieta).

De modo mais concreto, havia exemplos dos programas desenvolvidos por organizações e voluntários que vinham prestar ajuda aos desfavorecidos do Terceiro Mundo (OED, TVC, etc.). É verdade, porém, que os voluntários pautavam-se em grande parte pelo "método das tentativas".

É possível reconhecer um segundo momento, passados alguns anos, partindo de uma análise mais elaborada da realidade brasileira e da problemática indígena, quando surgem propostas radicais de engajamento na vida dos "mais marginalizados": através da participação no cotidiano das aldeias, ou "encarnando-se", como se dizia, iluminar-se-iam os problemas e, juntamente com os índios, seriam pensadas as soluções. A situação de dominação e exploração que sofriram os grupos indígenas e outros setores marginalizados estava relacionada a um contexto mais amplo: colocava-se a necessidade de uma profunda transformação social. A tarefa era libertar o povo e os índios. Fecharam-se vários projetos de trabalho, pois, embora superando o paternalismo, não se conseguia adequá-los às novas propostas de ação (Schroeder, Ivo, 1979: Evolução dos Objetivos ou Linha de Ação da OPAN). Houve ainda tentativas mais consistentes de busca de autonomia para os grupos indígenas: organizados pela OPAN, foram "projetos econômicos" pioneiros, às "cooperativas" em várias aldeias e o plantio de arroz no cerrado com os Paresí.

Concomitantemente às discussões internas na OPAN, estabeleceu-se um contato estreito com o CIMI. Este, em 1975, realizou sua primeira Assembléia Nacional e iniciou

a estruturação de suas seções regionais. A OPAN foi solicitada para abrir novas frentes de trabalho, em especial no Sul, Acre e Amazonas, por necessidade do CIMI ou solicitações de Prelazias e Dioceses. Redirecionando efetivamente nossas linhas de ação, começaram a repercutir também as assembleias indígenas, onde os índios despontavam como sujeitos e autores de sua história. Paralelamente, o CIMI e a OPAN realizaram sucessivos levantamentos e viagens, de modo a esboçar um quadro mais nítido da situação dos grupos indígenas de todo o Brasil e da ação do órgão indigenista oficial.

Nesta fase, não se traçavam mais rumos teóricos de libertação para os índios, mas desejava-se apoiar e incentivar a organização e as formas de resistência próprias. A opção é por um trabalho ágil, em equipes mais volantes, sem grandes infra-estruturas.

Em fins da década passada, a OPAN afirma como prioritário e depois exclusivo, o trabalho indigenista, em particular voltado para aqueles povos mais abandonados e em perigo de extinção. Efetivamente o apoio da OPAN foi e está sendo importante para a estruturação de vários regionais do CIMI e até do Secretariado Nacional. Ainda hoje em algumas prelazias a pastoral indigenista conta em sua maioria com os voluntários da OPAN para efetivar-se. Cada vez mais, no entanto, a OPAN procura definir-se como uma entidade de indigenismo alternativo, embora continuando o trabalho em estreita relação com o CIMI e outros setores da Igreja, Sabemos, porém, que este lugar político compor-

ta uma grande ambiqlidade: não somos um órgão da Igreja: por outro lado, é através da Igreja, do seu apoio e confiança que nós é possível atuar junto aos diversos grupos indígenas abrangidos por projetos da OPAN. Parece-nos claro também que há um espaço para "agentes de pastoral" leigos que favoreçam uma postura mais comprometida com os problemas indígenas.

O QUE CARACTERIZA A OPAN HOJE

Hoje poderíamos assinalar as seguintes questões que nos parecem caracterizar a OPAN:

1 - Consideramos fundamental a formação de pessoal para o trabalho indigenista, para o que dedicamos esforços consideráveis, particularmente a Coordenação da Organização. Formação esta que só é possível com o apoio de assessores que também acreditam nesta necessidade.

2 - Não elaboramos modelos teóricos pré-determinados na atuação junto aos Índios. A convivência e a realidade particular de cada povo indígena vão indicando as soluções e os meios, o que permite a cada equipe de trabalho colocar em prática as linhas de ação com razoável flexibilidade.

3 - Reiteramos assim uma proposta de estreita e despojada convivência no dia-a-dia das aldeias, não se tornando o voluntário um "profissional" mas um companheiro de

Entendemos, porém, a necessidade dos trabalhos específicos de coordenação e articulação essenciais, para os quais também nos dispomos.

4 - As linhas de ação certamente não são exclusivas da OPAN, salientando o incentivo à cultura indígena, a defesa dos territórios, a autonomia econômica, os programas de saúde e de educação, respeitando as formas indígenas próprias. Deve-se salientar o compromisso de apoiar e colaborar efetivamente na organização e movimento dos Índios.

5 - Consideramos importante para nossa ação estabelecer alianças, não só no interior da Igreja, mas com pessoas e entidades solidárias à causa indígena, bem como com setores oprimidos de nossa sociedade.

LINHAS GERAIS DE AÇÃO DA OPAN

1. Saúde:

Propomos redimensionar as atividades ligadas à saúde, atendendo não apenas os aspectos medicamentosos-reparadores, mesmo que nesta prática já se incluam as vacinações e a medicina preventiva.

É necessário ir à raiz da doença, que está intimamente relacionada com a expansão do capitalismo dependente e a perda das terras das comunidades indígenas. A

invasão territorial traz consigo as epidemias e a fome, causa fundamental da maior parte das doenças.

Desta forma, a nossa atuação levará em conta que a problemática de saúde não é um problema isolado, nem apenas regionalizado. É uma questão inter-relacionada e de dimensões nacionais.

Para atendê-lo a contento é necessário que se pressione os órgãos oficiais para que cumpram com seus deveres e que respondam prontamente às situações das doenças, tanto em suas causas, quanto em suas conseqüências.

2. Terra:

O Brasil é um país com quatrocentos anos de latifúndio. Sempre o próprio Estado colaborou e incentivou a sua formação, quer por intermédio de uma legislação capciosa, e atualmente quer pelos incentivos fiscais, como os projetos da SUDAM (Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia), etc.

A questão fundiária está altamente explosiva. As frentes de expansão avançam com sua força bruta contra os índios, encobertas via de regra pelas forças políticas conservadoras do Governo. Os conflitos sobre as terras dos índios tendem a se agravar progressivamente.

Entendemos que a nossa ação deva ser eficaz em dois níveis principais:

- a) A nível interno dos grupos indígenas, desen-

volvendo um trabalho de assessoria e esclarecimento do que representa a perda das terras;

b) A nível externo, apoiando e incentivando as organizações indígenas e seus movimentos, para que consigam um espaço significativo junto a sociedade nacional. Assim, apoiaremos todos os esforços no sentido de se formar uma entidade indígena forte e representativa da maioria dos povos indígenas do Brasil.

3. Educação:

Entendemos que as atividades ligadas à educação junto às comunidades indígenas devam se orientar por duas linhas principais:

a) A questão do domínio das técnicas de leitura e escrita, produção de literatura própria, etc., como forma de defesa e valorização da sua cultura e como maneira de atender às exigências decorrentes do contato;

b) A educação para a organização das comunidades, e dos movimentos indígenas regionais e nacional, na busca de respostas próprias para os problemas que dificultam a auto-determinação e o direito de continuar sendo povos distintos.

PROJETOS

Os trabalhos desenvolvidos pela OPAN podem ser agrupados em três blocos principais:

1. Trabalhos de coordenação e preparação de pessoal;
2. Trabalhos volantes junto a diversos grupos e aldeias;
3. Trabalhos diretos e fixos num grupo ou aldeia.

1. Coordenação e preparação de pessoal:

A OPAN e o CIMI vêm atuando ao longo dos anos de forma conjunta e com estreita relação entre os seus trabalhos.

Assim, na organização interna das atividades, é muito frequente que membros da OPAN assumam coordenações do CIMI.

Desta forma, mesmo dando prioridades aos trabalhos de base nas aldeias, a OPAN assume algumas coordenações regionais, devido ao espaço ocupado e conhecimento nas suas áreas de atuação.

2. Trabalhos volantes junto a diversos grupos e aldeias:

Estes trabalhos são desenvolvidos junto a grupos indígenas mais numerosos, aldeados ao longo dos rios e do litoral, e em regiões onde a sociedade nacional já se estabeleceu definitivamente. É o caso dos trabalhos junto aos índios Guarani-Kaiowá, Pataxó, Maxacali, Krenak e Tupinikim do leste do país, os Tükuna do Alto Solimões, os Apurinã do Acre e Amazonas.

Nestas regiões não é possível, nem aconselhável um trabalho fixo numa única aldeia ou grupo, pois restringiria consideravelmente o raio de atuação da equipe. Por isso, as equipes se estabelecem numa vila ou cidade que serve como ponto de apoio, e a partir daí levam avante as propostas de trabalho através de visitas sistemáticas às aldeias da região.

As equipes permanecem nas aldeias o tempo necessário para a concretização do seu objetivo (reunião, acompanhamento de saúde, escola, agricultura, etc.), deslocando-se em seguida para outras aldeias.

Além das atividades específicas da área de saúde, educação, etc., as equipes colaboram na organização e apoio aos movimentos indígenas, assessorando-os e pondo à sua disposição as informações necessárias para uma maior compreensão do momento conjuntural e de toda a estrutura da sociedade nacional.

A quantidade de visitas feitas às aldeias estará

sempre relacionada à solicitação dos índios, às necessidades e emergências ou ao surgimento de conflitos. As equipes estão liberadas a tempo integral e dedicação exclusiva para este tipo de trabalho.

A grande limitação em nossos trabalhos volantes tem sido a morosidade dos deslocamentos, dadas as grandes distâncias e o conseqüente custo elevado da infra-estrutura dos projetos (barcos, veículos, combustível, etc.).

3. Trabalhos diretos e fixos num grupo ou aldeia:

A OPAN se caracteriza prioritariamente por um tipo de trabalho direto e permanente nas aldeias.

A convivência diária com os índios, o aprendizado da língua, a inserção no dia-a-dia da aldeia, traz consigo uma nova e profunda relação entre índio e voluntários.

E é justamente nesta partilha que os voluntários prestam serviços ao grupo, principalmente no atendimento à saúde, educação e terras, além de participar em conjunto com toda a aldeia na obtenção da alimentação (caça, pesca, coleta, agricultura, etc.).

Neste momento consideramos como tarefas mais importantes para o nosso trabalho de apoio à luta dos índios:

- 1 - Apoio à luta pela terra e usufruto exclusivo das riquezas aí existentes.
- 2 - Apoio às iniciativas indígenas de organiza-

ção e luta pela sua autonomia. cremos que este ponto tem uma responsabilidade muito grande e ainda está numa atitude de muitas vezes omissa, fruto da insegurança frente a movimentação indígena;

3 - Trabalho de esclarecimento e fortalecimento de alianças junto a setores da sociedade nacional que possam ser apoio político às reivindicações indígenas. Está cada vez mais clara a necessidades destas alianças para o futuro dos índios.

ESTRUTURA DA OPAN

A OPAN está estruturada em função dos trabalhos junto às comunidades indígenas. Neste sentido, procura ser o mais simples possível, criando espaços para que seus membros possam atuar de modo criativo e coerente, apoiando-se mutuamente.

As decisões fundamentais relativas a Organização, são tomadas na Assembléia Geral, que reúne anualmente os voluntários para avaliar os trabalhos, discutir questões importantes e definir os novos rumos a serem seguidos. Evidentemente, cada projeto aplicará estas decisões conforme as condições particulares que o caracterizam.

Como ponto de referência e apoio dos companheiros, existe a Coordenação Nacional, sediada em Cuiabá - MT, composta de três coordenadores: Geral, técnico e financeiro. Os coordenadores são eleitos a cada dois anos, podendo

ser escolhidos entre todos os membros da Organização. A Coordenação tem como atividades o acompanhamento dos projetos, a representação da Organização nos diversos setores da sociedade nacional, a guarda e conservação de documentos que subsidiem os trabalhos e contribuam na análise sobre os grupos indígenas com os quais a OPAN atua. É também de sua competência o recrutamento, seleção e treinamento de novos elementos que se dispõem a um engajamento no trabalho indigenista.

RECRUTAMENTO, SELEÇÃO E TREINAMENTO

A preparação dos voluntários sempre foi um desafio para a OPAN. Nos primeiros anos, julgava-se suficiente um breve e intensivo TREINAMENTO, que normalmente durava um mês. Ao final deste curso, algumas pessoas eram declaradas aptas e partiam imediatamente para as áreas de trabalho.

Já em 1974 os voluntários se questionaram seriamente sobre a insuficiência deste tipo de habilitação. A própria experiência dos primeiros companheiros demonstrou que não bastava boa vontade, dedicação e um breve treinamento.

Para realizar um trabalho realmente sério, era necessário uma preparação bem mais profunda. Sem isto, corria-se o risco injustificável de, em concreto, prejudicar as populações que se pretendia ajudar, apesar de boas in-

tenções. Surgiu, então, a idéia de um estágio preparatório.

Além disso, passou-se a dar maior atenção à etapa precedente ao próprio engajamento no estágio. Ou seja, a decisão mesma de iniciar o estágio deveria ser bem melhor avaliada e encaminhada; é o que passou a se chamar de seleção prévia.

Esta proposta de preparação dos novos voluntários teve várias modalidades de concretização ao longo de alguns anos, até que se chegou em 1980, a uma formulação mais definida, que tem sido aplicada desde então.

Em Assembléia Geral foram discutidos e definidos alguns critérios para seleção prévia e uma proposta de estágio preparatório.

a) Seleção prévia

Os requisitos que a prática sugeria e que se achou importante para o engajamento eram:

- uma boa base de conhecimentos sobre a realidade brasileira e sobre a problemática indígena (o que implica, pelo menos, em algumas leituras indispensáveis);
- algum contato com trabalhos de grupos alternativos;
- alguma experiência de trabalho em equipe;
- capacidade de despojamento para um trabalho voluntário;
- concordância com a linha de ação da OPAN;
- condições físicas e psicológicas (boa saúde) para um trabalho em áreas indígenas;
- idade entre 20 e 33 anos;
- 2º grau completo;

para um trabalho articulado com as igrejas.

O encaminhamento nesta fase de seleção prévia é feito através de vários contatos, objetivando um bom conhecimento mútuo entre o candidato e a Organização, para que a decisão final por um engajamento atenda da melhor forma possível ambas as partes.

Neste tempo, a correspondência é muito importante, para ir definindo as posições, assim como são importantes os contatos pessoais. Estes se dão através de visitas que o coordenador técnico, ou outro elemento da coordenação fazem aos candidatos, e vice-versa. As referências de pessoas que conhecem bem os candidatos igualmente nos ajudam a conhecê-los.

b) Estágio preparatório

As pessoas que chegam à definição pelo engajamento no trabalho indigenista, depois dos contatos prévios, passam a fazer o estágio preparatório, que implica em dedicação a tempo integral. A Organização mantém um grupo de no máximo dez estagiários a cada ano. Em geral, o grupo se reúne no mês de março ou abril para iniciar a preparação.

Os objetivos do estágio são os seguintes:

- entrosamento das pessoas na Organização;
- experiência de vida em equipe;
- estudo da realidade indígena, no contexto nacional;
- contato com setores de trabalho indigenista;
- preparação prática para o trabalho;
- consolidação da opção feita para o trabalho indigenista.

O estágio é composto de três etapas:

1^a. Etapa: HABILITAÇÃO: realizado em Cuiabá, com a duração média de três meses. Os temas abordados neste curso são: Antropologia, Realidade Brasileira, Localização e História dos Povos Indígenas no Brasil, As Igrejas e a Ação Missionária frente ao Indigenismo, Legislação e Política Indigenista, Economia Indígena, Linguística, Educação Indígena, Amazônia Legal e Projetos Governamentais, História do Indigenismo Oficial, Mapas e Arte Indígena, Estrutura e Projetos da OPAN. Do ponto de vista mais prático, há uma iniciação à Enfermagem, Treinamento de mato e Natação.

O estágio conta com a colaboração de assessorias especializadas para cada item da programação.

Durante o tempo da 1^a. etapa, os estagiários moram em casa da OPAN, partilhando o dia-a-dia numa espécie de "república". Neste espaço, dedicado quase que exclusivamente aos estagiários, os mesmos tem a oportunidade de estabelecer contatos com outros integrantes da Organização, que se encontram de passagem pela sede. Os estudos são feitos na própria casa que dispõe de infra-estrutura apropriada para tal, contando ainda com a biblioteca da sede da Organização para estudos.

O tempo de dedicação para o estudo no período de estágio é integral, ficando sua definição à critério do grupo de estagiários e o respectivo assessor. O restante do tempo livre pode ser dedicado a trabalhos na sede, de acordo com o interesse do estagiário e as necessidades da equipe de coordenação.

2^a. Etapa: EXPERIÊNCIA EM ÁREA INDÍGENA: o es-

tágio prático se dá normalmente onde o estagiário se propõe trabalhar futuramente. Esta etapa tem duração aproximada de quatro meses. Neste período o estagiário passa a participar de algum projeto da OPAN, integrando a equipe do mesmo, que lhe dará o apoio necessário.

A opção por tal ou qual projeto, é feita ao longo da 1^a. Etapa do estágio, quando o estagiário tem a oportunidade de conhecer e analisar, junto com a coordenação e outros companheiros, as várias alternativas existentes.

3^a. Etapa: ESTUDO ESPECÍFICO sobre o grupo indígena com o qual a pessoa conviveu e/ou continuará atuando estavelmente, e Avaliação global do estágio. O estudo atende principalmente aos aspectos antropológicos e linguísticos do grupo. É feito na própria área de trabalho e em Cuiabá, com a duração aproximada de um mês.

Em todas as etapas, considera-se muito importante proceder a avaliações constantes, para ir definindo a caminhada do estagiário e da equipe de Estágio.

- RELAÇÃO COM OUTROS ORGANISMOS

Trabalhar isoladamente é pouco eficaz, empobrecedor, além de ser impossível na prática. A área de atuação que a OPAN se propõe abranger não permite uma postura de grupo fechado, supostamente, auto-suficiente. Bem ao contrário, o entrosamento com outros grupos, organismos, pessoas que se dedicam à mesma causa, é imprescindível para a pró-

pria existência e dinamização da OPAN.

Neste sentido, a OPAN mantém relacionamentos em vários níveis, com diversas entidades e pessoas, sobretudo àquelas que se dedicam de algum modo à questão indígena.

No trabalho em área, a relação mais imediata mantida pela OPAN é com as Prelazias e Dioceses, contando assim, com o apoio das igrejas locais. Os projetos participam deste modo, com sua colaboração específica indigenista, no plano bem mais amplo da pastoral local. Isto, porém, não caracteriza o trabalho como uma ação de evangelização, mas sim, insere-se na proposta mais ampla da Igreja hoje.

Igualmente forte é a ligação da OPAN com o Conselho Indigenista Missionário - CIMI, órgão oficial da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, encarregado de articular nacionalmente a pastoral indigenista.

Além destas relações, as equipes da OPAN, em seu trabalho em área, frequentemente atuam junto com pessoas de outras entidades, como por exemplo, membros da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil - IECLB, antropólogos, etc.

Em áreas urbanas, a OPAN está em contato com as entidades citadas e ainda outras: UNI (União das Nações Indígenas), ANAÍ (Associação Nacional de Apoio ao Índio), Comissões Pró-Índio.

Em termos de assessorias, a OPAN tem contado com o valioso apoio de pessoas de várias entidades, principalmente na área de antropologia e linguística: CEDI - Centro Ecumênico de Documentação e Informação - São Paulo, Museu

Nacional - Rio de Janeiro, Museu do Índio, - Rio de Janeiro, Museu Rondon - MT, Museu Emílio Goeldi - Pará, etc.

De resto, a OPAN mantém contatos com outras entidades voltadas de algum modo para a promoção das populações marginalizadas, como por exemplo a CPT (Comissão Pastoral da Terra).

MANUTENÇÃO

São muitos os gastos e nenhum o ganho financeiro neste tipo de trabalho: alimentação, moradia, encargos sociais, instrumentos de trabalho, veículos, viagens, cursos, etc.

Como já foi citado anteriormente a OPAN atua nas áreas indígenas contando com o apoio das Prelazias e Dioceses. Desde que assumam os trabalhos das equipes, as igrejas locais também arcam com os gastos necessários para mantê-las.

A elaboração dos orçamentos, portanto, é feita separadamente em cada projeto, em conjunto com as prela- zias e dioceses. Quando necessário, a coordenação financeira da OPAN presta assessoria para a elaboração dos mesmos. Deste modo, todos participam no esforço de captar recursos para o trabalho, e na responsabilidade de administrá-los. Com isto, procura-se evitar o paternalismo dentro da própria OPAN.

Quanto a cobertura econômica para manter a coor-

denação, a preparação dos estagiários, as assembleias anuais e alguns outros gastos, a OPAN conta com o apoio de algumas entidades de ajuda financeira da Europa, ligadas às Igrejas de lá. Algumas destas entidades já colaboram com a OPAN há muitos anos.

A manutenção dos voluntários se dá de acordo com o plano financeiro de cada projeto. Porém, o voluntário conta basicamente com a infra-estrutura necessária para realizar seu trabalho (moradia, instrumentos, viagens, etc.), possibilidade de fazer cursos que sejam úteis para o trabalho, cobertura para os encargos sociais e atendimento de saúde, férias anuais (viagem mais dois salários mínimos). Além disto, o voluntário recebe uma ajuda de custo, hoje variando em torno de um salário mínimo por mês.

Como se pode observar, a Organização procura prover aquilo que é necessário para a atuação dos voluntários, mas sempre em termos da maior simplicidade possível. Neste sentido, é bom notar também que tal sistema não dá condições de acumulação financeira em vista do futuro.

Í N D I C E

- HISTÓRICO DA OPAN	01
- O QUE CARACTERIZA A OPAN HOJE	04
- LINHAS GERAIS DE AÇÃO DA OPAN	05
- PROJETOS	08
- ESTRUTURA DA OPAN	11
- RECRUTAMENTO, SELEÇÃO E TREINAMENTO	12
- RELAÇÃO COM OUTROS ORGANISMOS	16
- MANUTENÇÃO	18

OPAN: 18 ANOS DE LUTA NO INDIGENISMO

A Operação Anchieta - OPAN é uma instituição civil e filantrópica que vem atuando no indigenismo desde 1969, tendo como finalidade a defesa dos direitos indígenas. Neste sentido, prioriza como linhas de ação os trabalhos nas áreas de saúde, educação, agricultura, terra e organização indígena. Observa-se hoje que este tipo de atuação pode ser comprovada nas mais diversas frentes do indigenismo nacional.

O Movimento Indígena como tal, tem nos últimos tempos, sofrido avanços consideráveis, que acabam por exigir de indigenistas, respostas imediatas no dia-a-dia de nossa ação.

Atuando basicamente na grande Região Amazônica, a OPAN conta hoje com doze projetos que prestam serviços a mais de trinta povos indígenas, direta ou indiretamente.

A Coordenação Nacional da OPAN com sede em Cuiabá, no Mato Grosso, tem como atividades, além da representação da Organização nos diferentes setores da Sociedade Brasileira, o acompanhamento aos projetos, em termos de apoio técnico e político, e o recrutamento, seleção e treinamento de pessoal.

Em termos de treinamento, funcionando como Centro de Formação, a experiência da Operação Anchieta é por muitos considerada hoje no Brasil, como um trabalho pioneiro, onde sua prática de dezoito anos de Capacitação de Pessoal lhe oferece invejável credibilidade no campo do indigenismo. Neste sentido, contamos com o apoio de dezenas de assessores das áreas de antropologia, história, educação, saúde, linguística, sociologia, dentre outros, criteriosamente selecionados nas mais diferentes partes do país.

A OPAN se caracteriza prioritariamente por um tipo de trabalho direto e permanente nas aldeias.

A convivência com os índios, o aprendizado da língua, a inserção no dia-a-dia da aldeia, traz consigo uma nova e profunda relação entre índio e indigenistas.

É justamente nesta partilha que os indigenistas que atuam na OPAN, prestam serviços ao grupo, no atendimento à saúde, educação, terra, etc, além de participar em conjunto com toda a aldeia na obtenção de alimentos.

Consideramos como tarefas importantes para o nosso trabalho de apoio à luta indígena: o apoio à luta pela terra e usufruto exclusivo das riquezas aí existentes; apoio às iniciativas indígenas de organização e luta pela sua autonomia; trabalhos de esclarecimento e fortalecimento de alianças junto a se-

tores da sociedade brasileira que possam ser apoio político às reivindicações indígenas.

Para ingressar hoje no indigenismo à que nos propomos, a OPAN tem como pré-requisitos para o candidato o seguinte:

- a) uma boa base de conhecimentos sobre a realidade brasileira e sobre a problemática indígena (o que implica em pelo menos algumas leituras indispensáveis);
- b) algum contato com trabalhos de grupos alternativos;
- c) alguma experiência de trabalho em equipe;
- d) capacidade de despojamento para um trabalho voluntário;
- e) concordância com a linha de ação da OPAN;
- f) condições físicas e psicológicas (boa saúde) para um trabalho em áreas indígenas;
- g) idade entre 20 e 33 anos;
- h) 2º grau completo;
- i) abertura para um trabalho articulado com as igrejas.

O encaminhamento nesta fase de seleção prévia é feito através de vários contatos entre o candidato e a organização, que vão desde contatos por carta, telefone até visitas ao local de residência do candidato ou à sede da OPAN em Cuiabá. Os interessados enviam suas correspondências e, nesta troca, nos conhecemos e trocamos idéias sobre a OPAN e sobre o indigenismo, assim como, procuramos buscar formas alternativas de apoio a esta luta que não é pequena.

O trabalho junto aos povos indígenas na defesa de seus direitos é encarado por nós como algo muito maior que o próprio compromisso que nos leva a ele. É uma forma de saldar com o índio uma dívida histórica, cuja responsabilidade deve ser enfrentada por toda a nação brasileira.

É isso companheiros. Nos colocando a disposição para quaisquer esclarecimentos por parte de interessados, deixamos aqui nosso endereço para correspondência e o nosso abraço.

Coordenação da OPAN
Av. Ipiranga, 97
Caixa Postal 615
78000 - CUIABÁ - MT
Fone: (065) 322-2980